

AS DIMENSÕES METAFÓRICAS DA DOENÇA NO POEMA “OPIÁRIO” DE ÁLVARO DE CAMPO

Letícia Stefanny Silva e Cristhiano Motta Aguiar

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo principal analisar um poema acerca da doença de um grande poeta em Portugal, Álvaro de Campos, o heterônimo ousado e impulsivo, decadente e futurista de Fernando Pessoa, que ocupou um espaço significativo para a configuração da estética literária moderna de Portugal. Através de quatro dimensões metafóricas, nos debruçaremos em como o estudo interdisciplinar da medicina e da literatura pode contribuir para a compreensão da *persona* de Álvaro de Campos. Atingido pela doença da alma, Campos cruza uma jornada intensa à procura de uma resolução de seus problemas. Sendo assim, para pautar a pesquisa, a elaboração deste artigo foi feita segundo as contribuições principais de Susan Sontag (1984), Moacyr Scliar (1996), Leyla Perrone-Moisés (2001) e Amélia Pinto Pais (2012). O artigo traça o paralelo da literatura a respeito da doença e a literatura pessoana em Álvaro de Campos. Com isso, há o aprofundamento em como a doença pode ser analisada metaforicamente, sem visar o diagnóstico clínico. Por meio de levantamento de dados, através de versos do poema, podemos delinear a interpretação da lírica do poeta pessoano, Álvaro de Campos, e com isso aplicar uma metodologia sistêmica que facilita a compreensão que o leitor tem ao se debruçar na lírica do poeta.

Palavras-chave: Álvaro de Campos. Doença. Dimensões metafóricas.

ABSTRACT

This research aims to analyze a poem about the illness of a great poet in Portugal, Álvaro de Campos, the bold and impulsive heteronym, decadent and futuristic of Fernando Pessoa, who occupied a significant space for the configuration of modern literary aesthetics in Portugal. Through four metaphorical dimensions, we will focus on how the interdisciplinary study of medicine and literature can contribute to the understanding of Álvaro de Campos' persona. Stricken by the disease of the soul, Campos goes through an intense journey in search of a resolution to his problems. Thus, to guide the research, this article was written according to the main contributions of Susan Sontag (1984), Moacyr Scliar (1996), Leyla Perrone-Moisés (2001), and Amélia Pinto Pais (2012). The article draws a parallel between the literature regarding illness and the Pessoaan literature in Alvaro de Campos. With this, there is a deepening in how the disease can be analyzed metaphorically, without aiming at clinical diagnosis. Employing a data survey, through verses of the poem, we can delineate the interpretation of the poetry of the Pessoaan poet, Álvaro de Campos, and with this application

a systemic methodology that facilitates the understanding that the reader has when looking at the poetry of the poet.

Keywords: Álvaro de Campos, illness, metaphorical dimensions.

INTRODUÇÃO

Comumente citamos trechos de poemas escritos por Fernando Pessoa e seus heterônimos. O poeta português, através da riqueza e complexidade da sua obra, deixou um marco singular para a história literária e cultural de Portugal, bem como contribuições aos estudos acadêmicos e políticos. Ainda hoje, estudiosos encontram escritos do autor devido ao vasto acervo deixado depois de sua morte. Portanto, faz-se nota da relevância para o campo acadêmico em fazer estudos acerca do grande poeta português e sua memorável contribuição para história da literatura, política e cultura de Portugal e dos países lusófonos.

Ao estudarmos ou mesmo lermos a literatura pessoana encontramos “o fundo traço de histeria” que existia no poeta. Entramos em contato com seus heterônimos, a invenção de outros *eus*. No ano triunfal de sua vida¹, ocorre o fenômeno heteronímico e Pessoa constrói poetas individualizados, mas unidos por si próprio, poetas inexistentes que existiam no plano literário, cada um com características físicas, biografia e estilo de escrita. Pessoa se vê no papel de dramaturgo e os heterônimos, como assim mesmo os chamou, nascem com os textos:

Construí dentro de mim várias personagens distintas entre si e de mim, personagens essas a que atribuí poemas vários que não são como eu, nos meus sentimentos e ideias, os escrevia. Assim têm estes poemas de Caeiro, os de Ricardo Reis e os de Álvaro de Campos que ser considerados. Não há que buscar em quaisquer deles ideias ou sentimentos meus, pois muitos deles exprimem ideias que não aceito, sentimentos que nunca tive. (PESSOA, 2022)

O modernista português afirma a Adolfo Casais Monteiro, na carta datada em março de 1935², que a origem mental orgânica de seu heteronimismo nasceu com a tendência de se despersonalizar e simular. Pessoa trazia essa predisposição desde criança, quando criou seu primeiro conhecido inexistente, um certo Chevalier de Pas. O poeta elabora nome, história, características físicas, traje e personalidade. Sentia, via e ouvia os indivíduos gerados por sua tendência inventiva de criar outros *eus*, como assume em cartas que enviava para seus amigos, “E assim arranjei, e propaguei, vários amigos e conhecidos que nunca existiram,

¹ Nome definido por Fernando Pessoa para se referir à criação de seus heterônimos. Na carta, datada em 1935, a Adolfo Casais Monteiro, Fernando descreve como foi a gênese de seus heterônimos, relatando o processo e desenvolvimento dos três principais heterônimos, Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Ao relatar o fenômeno, o poeta afirma que aquele foi o ano triunfal de sua vida, o ano em que houve o aparecimento de outros. Ainda na carta ele afirma que em 1912 começou a escrever esboços, mas foi em 1914 que Alberto Caeiro surge, posteriormente Ricardo Reis e Álvaro de Campos também se apresentam.

² Mesmo ano da morte de Fernando Pessoa. A carta foi enviada meses antes do poeta falecer, datada em 30 de novembro de 1935.

mas que ainda hoje, a perto de trinta anos de distância, ouço, sinto, vejo. Repito: ouço, sinto, vejo... E tenho saudades deles.” (PESSOA, 2022)³

Em Pessoa, o *eu* multiplicou-se em outros. Massaud Moisés explica a heteronímia de forma concisa e tangível:

Cada heterônimo é uma entidade autônoma, com caráter próprio, vida própria, e uma visão pessoal do mundo, não obstante se completarem entre si e mais o seu criador, numa unidade na diversidade. (MOISÉS, 2009, p. 76)

Concernente à criação dos heterônimos, criado a partir de toda emoção que Fernando Pessoa não dava nem à vida, nasce Álvaro de Campos, sobre quem discorreremos nessa pesquisa. Campos teve a descomunal capacidade de sentir o mundo. Diferente dos demais heterônimos, teve influências diversas e atravessa três fases literárias: decadentista, futurista e intimista, de acordo com Moisés (2008), Perrone-Moisés (2010) e Pais (2012). Na carta enviada a Adolfo Casais Monteiro, Pessoa explicou escrever em nome de Álvaro de Campos quando sentia “um súbito impulso para escrever não sei o quê”.

A presente pesquisa foi desenvolvida com o intuito de examinar a lírica de Álvaro de Campos consoante as manifestações poéticas contidas em suas obras sobre sua possível doença. A partir de uma seleção de poemas⁴, notou-se que há consideráveis semelhanças quanto ao estado de saúde do poeta, em que o autor afirma ter dores físicas e na alma. Para o recorte do presente estudo, a pesquisa irá privilegiar o poema “Opiário”, publicado na primeira edição da Revista Orpheu⁵. A escolha do corpus baseou-se no poema devido a apresentação de versos que abrangem a metodologia proposta das dimensões metafóricas, pois após as leituras dos poemas de Álvaro de Campos notamos que há como desenvolver a proposta sintetizando com a análise de “Opiário”, poema este que retrata particularmente a enfermidade do poeta e como a doença é encarada pelo sujeito poético.

Diante disso, esclarecemos que o estudo se preocupa em pensar a doença de Campos através da proposta de quatro dimensões poéticas que sistematizam aquilo que o poeta sentiu e passou e, com isso, abordar uma melhor interpretação para o entendimento da produção literária do heterônimo.

³ Carta pessoal de Fernando Pessoa disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/3007>

⁴ “Esta velha angústia”, “Ode Triunfal”, “Bicarbonato de soda”, “Opiário”, “Tabacaria”, “Tenho uma grande constipação”

⁵ Revista de vertente futurista. A Orpheu foi responsável por grandes escândalos em Portugal através de manifestos contra figuras públicas da época e poemas que contradiziam correntes literárias antigas e preconizavam uma estética moderna. A revista teve três números, mas apenas dois foram publicados e após a morte de Mário de Sá-Carneiro decretou-se falência de Orpheu. Seus integrantes principais eram: Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros, Raul Leal, Luís de Montalvor e o brasileiro Ronald de Carvalho.

Entendemos que, apesar de o campo de estudos sobre Fernando Pessoa estar repleto de pesquisas e trabalhos, o estudo das conexões entre a doença e suas representações literárias ainda não foi realizado à persona de Álvaro de Campos, no caso do poema “Opiário”. Dessa forma, a pesquisa realiza uma efetiva contribuição aos estudos acadêmicos da obra do poeta português. Até o momento, identificamos apenas um trabalho acadêmico com proposta semelhante à nossa, realizado pela professora Maria Irene Ramalho de Sousa Santos titulado como “A doença do poeta”, que propõe “o estudo da metáfora Alberto Caeiro sobre os poemas da doença na obra de Fernando que escreveu estando doente” (SANTOS, 1987, p. 259).

Ao aproximar os campos da crítica literária, teoria da literatura e história da literatura portuguesa aos debates na área da medicina e demais ciências da saúde, nossa pesquisa visa, de igual modo, a um diálogo interdisciplinar entre diferentes áreas de conhecimento acadêmico. O presente estudo estabelece essas relações interdisciplinares a fim de esclarecer que, por um olhar metafórico da doença, podemos compreender mais satisfatoriamente a mente complexa de um poeta ficcional que fascinou Portugal do século XX e choca ainda os leitores que se regozijam de sua escrita visceral e intimista.

DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

Em março de 1914, surge o poeta Álvaro de Campos com “Ode triunfal” após a criação de Alberto Caeiro e Ricardo Reis. Campos, como dito em carta por seu poeta criador, teve uma educação de liceu e foi engenheiro naval, nasceu em 15 de outubro de 1890 com estatura alta e tendenciosa a curvar-se. Segundo Pessoa, o poeta era um tipo de judeu português que usava monóculo. Em uma viagem de férias ao oriente escreveu “Opiário”, poema que analisaremos conforme a proposta de pesquisa. Foi o heterônimo intenso, emotivo, impulsivo que teve fortes influências de seu mestre Caeiro e de Walt Whitman, produziu um extenso conjunto de poemas e textos políticos, o mais famoso sendo o manifesto Ultimatum.

O heterônimo teve grande diferencial em relação aos demais. Foi o único a interferir na vida de seu poeta criador, chegando a trocar cartas com Ophélia Queiroz, namorada de Fernando Pessoa, como citado por Perrone-Moisés (2001). Ademais, a relação entre Álvaro de Campos e Pessoa era íntima a ponto de conhecidos precisarem desdobrar a persona de cada um. No relato de Ophélia Queiroz encontra-se o seguinte:

O Fernando era um pouco confuso, principalmente quando se apresentava como Álvaro de Campos. Dizia-me então: hoje não fui eu que vim, foi meu amigo Álvaro de Campos. (QUEIROZ, 1978, p.37)

Com a afirmação acima, pode-se atestar que o relacionamento de Pessoa e Campos era em tal intensidade íntimo a ponto do poeta de “Mensagem” dividir tempo com o heterônimo e parcelar momentos com sua namorada e amigos. A partir disso, dá-se então o vínculo de amizade entre os dois, em um dos seus escritos, Pessoa afirma “A mim, pessoalmente, nenhum me conheceu, exceto Álvaro de Campos” (PESSOA: 1966, p.99).

Álvaro de Campos tornou-se amigo de Mário de Sá-Carneiro, poeta e membro da revista Orpheu, dedicou o poema “Opiário” a ele e partilhou angústias e emoções com o amigo. Com isso, nota-se que Álvaro de Campos transcende a existência em sua lírica, pois teve atitudes pessoais e políticas, atingindo o limite da ficção e interferindo na vida pessoal de Pessoa e na sociedade moderna. Era um dos poetas da revista Orpheu e foi responsável por escândalos na sociedade portuguesa da época⁶.

No que se refere ao seu estilo literário, constata-se que o poeta era movido pela impulsão e vitalidade. Ao analisar o plano geral de suas obras, há a demarcação de suas três faces. A primeira, decadente, apresenta Álvaro antes da influência de Alberto Caeiro, no entanto, essa primeira face de Álvaro decorre à produção de “Ode triunfal”, que ocupa a fase sensacionista/futurista do poeta, pois Fernando Pessoa confessa em carta para Mário de Sá-Carneiro que precisava de um escrito para publicar na revista Orpheu e, de última hora elaborou um poema antigo do Álvaro de Campos, um poema com características e ideologias antes do contato com o Caeiro. Assim sendo, surge o poema “Opiário”, trazendo todas as tendências de Campos antes de ser influenciado por seu mestre, em “Opiário” vê-se um Campos anterior a Campos, um poeta decadentista.

A segunda face de Álvaro de Campos é marcada pelo movimento de vanguarda futurista do século XX, que suscita a recusa do lirismo amoroso, sentimentalismo e outros “ismos” trazidos pelos simbolistas, naturalistas e correntes que se prendiam a estéticas do passado. Nessa fase encontramos um Campos ativo que traz movimento e velocidade aos textos, um estilo inovador marcado por interjeições, anáforas, exclamações e onomatopeias. É nessa fase que o poeta escreve *Ode triunfal* e deixa explicitamente a influência de Walt Whitman e Caeiro em sua estética literária.

⁶ Através da participação na Revista Orpheu o poeta se vinculou aos escândalos de Portugal naquela época. A ousadia de Álvaro de Campos chocava a sociedade, assim como seu humor ácido e cômico. Em julho de 1915 o poeta escreve uma carta a *A Capital* e mediante ao escrito ironiza um acidente de comboio elétrico que vitimizou o político Afonso Costa. A Carta de Campos provocou indignação popular e fez com que amigos de Fernando Pessoa fossem afastados da revista Orpheu. Posteriormente, Álvaro escreve manifestos contra homofobismo da época, como no caso do manifesto *Aviso por causa da moral* que foi uma resposta contra a intervenção política de proibir livros “imorais”, como *Sodoma Divinizada* de Raul Leal.

Saliente-se ainda que havia uma terceira face manifesta em sua lírica, denominada pelos críticos como a faceta intimista do heterônimo, onde há a produção dos poemas “Tabacaria”, “Poema em linha reta”, “Aniversário” etc., como tratado por Amélia Pinto Pais (2012). Nessa face, Campos produz textos intimistas que trazem sentimento de frustração, da dor de ser lúcido e tematiza o tédio, cansaço, angústia e náusea. Posto isso, nota-se que em suas obras não há homogeneidade de características no estilo literário do poeta, no entanto, ainda se encontra a presença singular de Campos em todas as suas facetas.

Tendo isso em vista, verifica-se uma correlação entre as faces de Álvaro de Campos, pois o heterônimo sempre está apto a sentir tudo de todas as formas. Campos deseja até a usurpação das sensações das máquinas - face futurista, expressa nas Odes -, mas após todo o exagero e movimento parece que o poeta se fadiga de tal modo que tem crises de valores e de moral - face decadente - e se vê em uma situação de abulia na qual indaga sobre o que viveu, estudou, amou e creu, mas não houve mendigo no mundo que ele não invejasse pelo fato de não ser ele (2019, p. 223). Em concordância, toda a agitação e transformações do poeta o levam à doença da alma que transpassa os sintomas físicos e resulta em uma espécie de depressão não comprovada.

É possível notar que ao longo da produção literária do autor há a presença de expressões que apontam a sua enfermidade como “sou doente e fraco” (2019, p. 47), “Tenho febre” (2019, p. 57), “náusea do estômago à alma” (2019, p. 287), “dói-me a cabeça indistintamente” (2019, p. 311) e outros. Tencionando sua doença, conseguimos observar como essas expressões contribuem para a constituição da persona de Álvaro de Campos e de que maneira o sentir o influenciava. Desse modo, criam-se vertentes de estudos interdisciplinares entre a literatura e a medicina que podemos explorar e agregar ao campo de estudo pessoano.

Como citado no parágrafo anterior, a temática da doença atravessa os poemas escritos por Álvaro de Campos, assim como os demais heterônimos de Fernando Pessoa a discorrer sobre alguma faceta da doença ou mesmo retratar o estado adoentado. Alberto Caeiro demonstra em seus poemas o mal-estar que afeta sua consciência, em “O guardador de rebanho” o poeta diz escrever as quatro canções estando doente “Escrevi-as estando doente/ E por isso elas são naturais/ E concordam com aquilo que sinto, / Concordam com aquilo com que não concordam...” (2018, p. 51). Ricardo Reis, outrora, é o mais tênue da tríade heteronímica, o poeta traz uma metáfora da doença a partir da indiferença, mas ainda adentra o tema da enfermidade “Como as pedras na orla dos canteiros/ O fado nos dispõe, e ali ficamos” (2018, p. 218), o termo fado no verso pode ser remetido a algum aspecto de doença.

Através de leituras dos poemas de Álvaro de Campos, por uma breve análise da manifestação da doença, notam-se reiteraões sistêmicas na expressão lírica de Campos. Com isso, contínuo ao que foi contextualizado sobre o poeta, pretendemos analisar como Álvaro de Campos torna notório seu estado enfermo em seus poemas e de que maneira ele organiza sua escrita para informar sutilmente a zona noturna de viver. O estudo examinará a confissão do poeta e como ela auxilia a interpretar o poema intitulado por “Opiário”.

Somado a essa ideia, em Campos encontramos uma *persona* dilacerada do corpo e da alma: lemos versos em que o poeta deixa manifesto sua angústia e seu descontentamento com a vida, confessa a vida de um desassossegado. Ele não dissimula seu estado, mas, afirma que está doente e tem febre (2019, p. 45-49)⁷. Ao observarmos suas obras, nos deleitamos em uma grande aventura mental de um paciente que se autodiagnosticou, como observaremos no decorrer da pesquisa.

Ao longo da história, a literatura e a medicina mantiveram conexões na construção de seus campos específicos de estudo. Esse fator conduziu à formação de diversos médicos-escritores, como Arthur Conan Doyle, Guimarães Rosa, Anton Tchekhov e outros. Diante de pesquisas constatamos que houve épocas em que a associação entre medicina e literatura era mais próxima. Não era incomum que médicos recebessem educação ampla e se empenhassem também em produzir ficções, pinturas e músicas. No decurso do tempo essa intimidade entre a medicina e literatura foi se distanciando, Moacyr Scliar explica que:

A situação mudou por várias razões: em primeiro lugar, o médico perdeu a posição aristocrática que muitas vezes o caracterizava no passado. Depois, a medicina foi adquirindo um caráter cada vez mais técnico, pouco compatível com a expressão humanística. (SCLIAR, 1996, p.9)

Para além da aproximação da formação de médicos-escritores, encontramos temáticas frequentemente abordadas por autores de diferentes épocas. Não é difícil nos depararmos com ficções que relatam doença ou se passam em hospitais e sanatórios, é o caso do romance de Thomas Mann, *A montanha mágica*, ou mesmo de Machado de Assis em *O alienista*. As afinidades entre medicina e literatura estão presentes em grandes obras literárias, pois a ficção imerge na condição humana e como o doente se sente. Na obra *A paixão transformada*, o autor declara que “[...] a ficção fala sobre a face oculta da medicina e da doença.” (SCLIAR, 1996, p.10).

Aproximando o discurso de Moacyr Scliar em sua obra *A paixão transformada* (1996) acerca de psicanálise, entende-se que Freud procura uma síntese entre os dois campos de estudo. O psiquiatra valorizava a palavra para seu trabalho de terapias. A psicanálise de Freud recorre ao uso das palavras e a utilização de metáforas, o que coincide com a literatura em

⁷ Afirmação feita através da leitura do poema “Opiário” escrito em 1914.

sua própria constituição na produção de ficções e poesias. O uso da linguagem na literatura atinge a estética e a forma do conteúdo a ser produzido, na psicanálise a palavra serve para diagnosticar na adequação ou inadequação do uso. Além disso, a metáfora é utilizada por Freud para desmanchar o modo de expressão do paciente em seu estado doente. Em conformidade, as metáforas, na literatura, ajudam a destrinchar o sentimento da personagem na ficção e do eu-lírico na poesia. Portanto, conclui-se que a literatura e a prática médica surgem da interpretação e convergem no uso de palavras para a produção de textos. A prática médica utiliza as palavras para a elaboração de diagnósticos, prescrições e laudos. Desse modo, pode-se afirmar que sem palavras não há doença, outrora, como será possível identificar sintomas sem a verbalização do paciente?

Susan Sontag, em sua obra *Doença como metáfora: Aids e suas metáforas*, aborda, para além da dimensão clínica, a dimensão cultural e metafórica da doença. A autora faz um estudo de cultura para mapear o uso político que a sociedade faz com o estado físico e psíquico do paciente, apontando as atribuições metafóricas que a doença gera na percepção social construída mediante a linguagem humana, uma espécie de rótulo social gerado com a enfermidade. Sontag discorre acerca da tuberculose e câncer, no desenvolvimento de seu ensaio redige que a tuberculose é uma doença da alma e o câncer do corpo.

Uma doença dos pulmões é, metaforicamente, uma doença da alma. O câncer, como uma doença que pode atacar em qualquer ponto, é uma doença do corpo. Longe de revelar algo de espiritual, ela revela que o corpo é, de modo totalmente deplorável, apenas o corpo. (SONTAG, 1984, p.16)

Segundo Sontag (1984), para demonstrar o impacto que as metáforas têm socialmente, as roupagens que a sociedade atribui em sua percepção sobre doenças deformam a forma que o paciente vive impulsionado para tratar sua enfermidade. E isso conduz a sua fase terminal da doença, ou a procura de tratamento é eficaz, ou a falta dele é letal.

Em vista disso, as doenças passam por fases e através delas é avaliada a gravidade em que o paciente se encontra. Essas fases conduzem o estado mental do doente e como ele lida com a enfermidade. Comumente, a ideia social e a doença influenciam a identidade oculta do paciente, os rótulos atribuídos são refletidos em como o indivíduo encarará seu diagnóstico. As metáforas reforçam a interpretação da condição de enfermidade, em virtude delas há deduções sobre o que aconteceu, o que o enfermo fez ou viveu para ter determinado prognóstico.

De fato, todos partilhamos dois estados: o são e o doente. Quando somos acometidos por algum mal-estar nossa mente e corpo são atacados silenciosamente. Os motivos são variados, os diagnósticos distintos uns dos outros, mas o que os une é a certeza de que a dor

existe para lembrarmos que ela não deveria estar ali. Em algum momento, afetados por distúrbios e mazelas, expressaremos em voz articulada, ou não, o outro estado, a enfermidade, e isso fará com que compartilhem com conhecidos e desconhecidos aquilo que sentimos. Ainda refletindo sobre isso, Scliar (1996) diz: “Pessoas falarão da doença, pois não há como não falar nessa experiência que todos partilhamos”.

Por isso torna-se inevitável Campos não relatar de sua condição, pois além de ser intencional escrever sobre sua enfermidade, o enfermo oraliza sua doença e aquilo que sente para encarar sua realidade. Ao pensarmos nessa condição somos direcionados a uma questão: qual é a maneira mais fidedigna de encarar uma doença? Álvaro de Campos encara sua enfermidade de forma literária.

Para a análise da doença de Álvaro de Campos não pretendemos criar rótulos para o poeta ou mesmo deduzirmos o que aconteceu para atingir esse ponto, de outro modo, nos preocuparemos em perscrutar de que forma a doença contribuiu para que Campos fosse Campos e deixasse sua particularidade na heteronímia pessoana, bem como utilizar as dimensões metafóricas como método de análise e interpretação do poema.

Antes de analisar o objeto teórico, faz-se nota da importância de apresentarmos que a ideia da doença do poeta não está exclusivamente em um escrito, mas apresenta-se em sua lírica na totalidade.

Leiamos trechos ilustrativos dos poemas que apresentam alguma faceta da doença: “Esta velha angústia que trago há séculos em mim, / Transbordou da vasilha, / (...) Eu sou um internado num manicômio sem manicômio. / Estou doido a frio, / Estou lúcido e louco,” (2019, p. 348); “Tenho febre e escrevo/ Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto.” (2019, p. 57); “Súbita, uma angústia... / Ah, que angústia, que náusea do estômago à alma! / (...) Devo tomar qualquer coisa ou suicidar-me?” (2019, p. 287); “Coitado do Álvaro de Campos! / Tão isolado na vida! Tão deprimido nas sensações! / Coitado dele, enfiado na poltrona de sua melancolia!” (2019, p. 206); “Tenho uma grande constipação / (...) Tenho perdido o dia para me assoar. / Dói-me a cabeça indistintamente.” (2019, p. 311).

Através desses poemas, assistimos a um Álvaro de Campos depressivo, indisposto, descrente e pessimista, que apresenta não somente sintomas psíquicos, mas físicos como dores de cabeça e estômago. É característico de Campos a melancolia, no entanto, vemos esse sentimento se intensificar ao ponto de clamar por intervenção divina. A perspectiva do poeta se concentra em um sujeito em crise. É sintomática sua doença, não meramente especulativa.

Com isso, passemos a delimitar a estrutura que o poeta escreve seu poema “Opiário” e minuciosamente de forma aprazível inclui em sua estética literária.

“Opiário”, datado em março de 1914, foi dedicado ao “Senhor Mário de Sá-Carneiro” (PESSOA, 2019), o amigo que, não lidando com sua condição psicológica, acabou suicidando-se⁸. O poema foi composto por 43 estrofes em versos decassílabos, esses versos se organizam em rimas ABBA. Leiamos trecho ilustrativo do poema:

É antes do ópio que a minh'alma é doente!
Sentir a vida convalesce e estiola
E eu vou buscar ao ópio que consola
Um Oriente ao oriente do Oriente.

Álvaro de Campos recorre à irregularidade rítmica e métrica, a fim de provocar um efeito estético na leitura. O leitor se depara com combinações contrapostas de som e silêncio, de grave e agudo, de vogais tônicas e átonas, produzindo musicalização. Essas ferramentas poéticas contribuem para a formação do ambiente e sentidos sensoriais e poéticos.

O poema inicia-se como uma espécie de confissão, no primeiro verso Campos afirma ser um doente de alma, que procura solucionar sua dor recorrendo ao ópio. Contudo, antes de destrincharmos e analisarmos a construção do poema, é imprescindível pensarmos no título da obra. “Opiário” é um neologismo formado pela junção do substantivo ópio e o sufixo nominal -ário, que pode ser entendido, de acordo com Celso Cunha (2013, pg. 109), como um lugar ou ocupação. Dessa forma, entende-se que o sujeito literário se encontra em um lugar dado ao ópio onde as dores podem ser amenizadas com o uso da substância. Tal ideia agrega na leitura do texto, pois o título fornece um elemento catafórico onde o tema é interposto na leitura e traz o conceito espacial e imagético ao leitor.

Originado na Ásia, o ópio, ou papoula do Oriente, é produzido por meio de um suco extraído de frutos de papoulas soníferas. A história dessa substância é longa e antiga, historiadores relatam o uso desde o Egito Antigo. A droga desencadeou a Guerra do Ópio, ocorrida na primeira metade do século XIX, motivada pela conscientização dos problemas gerados pelo uso excessivo do ópio. A droga possui substâncias viciantes e é responsável pela produção de sedativos como morfina, mas também de drogas ilícitas como a heroína.

“Opiário” é o primeiro poema da primeira face de Álvaro de campos, a fase decadente. O poema descreve a busca pelo ópio como uma forma de livramento do ambiente de monotonia e descrença de si e da vida. O sujeito poético delinea e relata a busca e o uso da substância, mas deixa subentendido a autonomia perdida de decisão e capacidade de se livrar de sua doença, dessa forma reinventa uma rota para encarar o que sente.

⁸ Mário de Sá-Carneiro, poeta modernista português, íntimo amigo de Fernando Pessoa e integrante principal da Revista Orpheu. O poeta suicida-se em 1916 em Paris e deixa uma carta de despedida ao amigo Fernando Pessoa.

A fim de analisar o texto literário, faz-se nota do que consiste nos conceitos de dimensões metafóricas para a interpretação do poema de Álvaro de Campos. As dimensões baseiam-se em um mecanismo sistemático e objetivo de como o poeta acrescenta divisões e níveis de sua doença. Para falar sobre sua condição mental, ao que se refere a inadaptação da vida, definimos a dimensão psicológica em que o sujeito poético expressa sua dor da alma, angústia, exaustão, fadiga, abulia e depressão. Consequentemente sua dor extrapola níveis físicos, dimensão física, recorridos para a descrição de como o corpo é afetado. Com disposição de curar-se, Campos recorre ao uso de narcóticos ou a busca de remédios e drogas que podem oferecer a cura de sua condição. Analisando sua situação enferma, o poeta percebe que nada solucionou seu problema, desta forma, entrega-se a incapacidade de resolução e grita por intervenção divina ou se entrega a um desejo mórbido de morte, dimensão fúnebre.

Em um ambiente disfórico, o sujeito poético se encontra em uma viagem náutica a bordo do Oriente. Na primeira estrofe, segundo verso, Campos levanta a dupla faceta da vida, a vida que cura e debilita, “Sentir a vida convalesce e estiola” (2019, p.45). Ao introduzir a duplicidade, confessa sua busca ao ópio a fim de que o uso console sua alma que é doente e, desenvolve o lugar em que se encontra em relação às facetas, expressando sua saturação da vida.

Ao sentir sua inadaptação Campos passa por estados de grandes frustrações e compreende que é incapaz se adequar, apesar de tentar, “E, por mais que procure até que adoeça, /Já não encontro a mola para adaptar-me.” (2019, p.45). O insistente desassossego da alma cria a *dimensão psicológica* de sua doença nos versos, o poeta faz um jogo com os verbos através de suas conjugações. A fim de rememorar as coisas boas e relatar os gozos da vida, o sujeito poético utiliza verbos no passado: “Gostava de ter poemas e novelas”; “E gostava de ser as coisas fortes.”; “Gostava de ter crenças e dinheiro” (2019, p.46 - 47) para ilustrar o estado convalescente que se encontrava. Contudo, a utilização dos verbos no presente expõe sua abulia, cansaço e angústia: “Perdi os dias que já aproveitara/ Trabalhei para ter só o cansaço”; “Meu coração é uma avozinha que anda/ Pedindo esmolas às portas da Alegria.”; “Deste desassossego que há em mim/ E não há forma de se resolver.” (2019, p.46 - 48).

Isto posto, podemos deduzir que ao enxergar a condição de doença da alma, o poeta busca caminhos de evasão, que o direciona ao consumo do ópio. Como apresentado anteriormente, a papoula do Oriente possui dois lados, o medicinal e o narcótico. Apesar de Álvaro de Campos estar buscando remédio para curá-lo, ao longo da leitura somos inclinados a pensar na substância através do seu aspecto e funcionalidade de droga, embora não saibamos defini-la. Com isso há uma imigração à *dimensão analgésica* e a retomada do

primeiro verso do poema “É antes do ópio que minha alma é doente” (2019, p.45), com o verso fica subentendido que Campos vai atrás do ópio exatamente porque está doente de alma e quer a cura de sua enfermidade. Com isso, há a jornada do consumo dos meios que poderiam solucionar sua condição. Através do reconhecimento da monotonia de sua vida e inadaptação o sujeito se entrega ao ópio “Caio no ópio como numa vala”. E, ainda, descreve como foi sua jornada com o uso dos entorpecentes.

Ao toque adormecido da morfina
Perco-me em transparência latejantes
E numa noite cheia de brilhantes
Ergue-se a lua como a minha Sina.

O ópio funciona como um amortecedor para suas dores, mas no fim nota-se que há uma intensidade redobrada. Ao afirmar que só há uma maneira de viver, Campos atesta que é por essa única maneira que ele toma ópio, remédio. Apesar da dimensão analgésica se concentrar no uso de ópio, há versos que declaram que esse não foi o único método do poeta para se livrar da dor da alma.

Levo o dia a fumar, a beber coisas,
Drogas americanas que entontecem,
E eu já tão bêbado sem nada! Dessem
Melhor cérebro aos meus nervos como rosas.

Recorrendo ao ópio Campos sofre os efeitos colaterais das drogas e seu corpo sente. Desterritorializado, como assume no verso “A minha pátria é onde não estou”, diz ser “doente e fraco” e direcionadamente conversa com o leitor que além da alma doente, o corpo também está.

Febre! Se isto que tenho não é febre,
Não sei como é que se tem febre e sente.
O facto essencial é que estou doente.
Esta corrida, amigos, esta lebre.

O verso confirma a migração à *dimensão física* da doença de Álvaro de Campos, assim como o poema apresenta essa dimensão, outras obras poéticas⁹ trazem versos que comprovam que para além da enfermidade psíquica e de alma, houve a doença do corpo.

Esgotado, mas suficientemente lúcido, apesar do ópio e de seus efeitos colaterais, o poeta conclui que nada o fez encontrar a solução, nem as viagens, drogas, remédios. A intervenção tomada pelo desespero, a fim de cura, não configura a resolução de seus problemas. Consciente desse fato, Campos enxerga o extremo de sua incapacidade de mudar

⁹ Poemas apresentados com seleção de versos na página 10 do presente artigo.

o rumo da própria vida e cai na *dimensão fúnebre*. Essa dimensão é seu grito do Ipiranga, não clamando por independência, mas dependência divina, deseja que o divino interfira mesmo que o resultado seja sua inexistência ou entrega-se ao pensamento suicida.

É nessa dimensão que vemos o violento pessimismo do poeta, que outrora foi energético, mas nesse momento literário está em intensa abulia (“A morte é certa. /Tenho pensado nisto muitas vezes.”). Campos, em versos, afirma que precisava de uma substância mais forte para dar fim a sua vida:

Qu'ria outro ópio mais forte pra ir de ali
Para sonhos que dessem cabo de mim
E pregassem comigo nalgum modo

Reconhecendo sua inutilidade, “Um inútil. Mas é tão justo sê-lo”, apela para a divindade:

A minha vida mude-a Deus ou finde-a...
Deixem-me estar aqui, nesta cadeira,
Até virem meter-me no caixão.
Nasci pra mandarim de condição,

Mas faltam-me o sossego, o chá e a esteira.
Ah que bom que era ir daqui de caída
Prà cova por um alçapão de estouro!

Assim sendo, há o retrato de um poeta dilacerado pela jornada da busca de cura. A dor da alma lembra a Álvaro a anormalidade de sua condição, a consciência disso desperta o desespero e ceticismo que são expressos por meio do diagnóstico que o próprio poeta faz de sua vida. Ao lermos o poema percebemos a intensidade em que o sujeito poético se encontra e torna ao leitor uma aventura mental. O poeta experimenta vários meios que propunham a cura de sua condição, mas ao fim percebe-se que mesmo indo ao Oriente e consumindo drogas não é capaz de curar-se e se entrega a salvação divina que pode ser analisada a partir de uma dimensão redentiva. Contrariamente à Moacyr Scliar (1996), a doença de Álvaro de Campos não nasce do silêncio, ela surge através dos gritos da alma doente que clama por cura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto, pode-se afirmar que as dimensões propostas na análise da obra desempenham um papel metafórico como mecanismo de análise e traçam a jornada da doença de Álvaro de Campos sistemicamente. Propõe-se com a teoria que há uma ordem intencional e cronológica de interpretação que se inicia com a dimensão psicológica e migra à dimensão analgésica como intervenção do sujeito poético, não por escolha intencional o

poeta sofre os efeitos colaterais, esses efeitos são analisados na dimensão física que concerne em como o corpo padeceu, por fim, a dimensão fúnebre revela a conscientização da incapacidade humana de Campos e o leva ao extremo pessimismo e autoquiria. Apesar de não desenvolver de forma aplicada, há resquícios de uma possível quinta dimensão que clama por redenção da alma, dimensão redentiva.

Por meio desta pesquisa, atestamos o caráter estético de Álvaro de Campos, o heterônimo que foi descrito por Perrone-Moisés (2001) como a ficção da loucura de Fernando Pessoa. Dessa forma, observamos a construção de vida que Fernando Pessoa dá ao poeta ficcional. Álvaro de Campos além de extrapolar a vida social de Portugal, extrapola a própria vida inexistente e carrega aquilo que todos os indivíduos carregam: a dupla cidadania. Apesar de existir apenas no plano literário, Campos nos faz sentir a dor de ser e estar enfermo mesmo sendo um fingimento para ele.

Diferentemente da recepção social que temos da doença, o poeta não recai num modo acanhado e evasivo de falar sobre enfermidade, ao contrário, ele explicita essa condição sem escrúpulos. Ao analisar o poema “Opiário”, percebemos que ao reconhecer sua doença o poeta não se isola, ao invés de embarcar em uma metáfora da viagem psíquica, proposta na obra de Susan Sontag (1984), Campos embarca fisicamente em um navio ao Oriente. A evasão procura novas sensações para anular qualquer sintoma que este sentia. Apesar da obscuridade e vacuidade de sua alma e corpo doentes, Campos não procura um tratamento clínico, ele tenta intervir pela própria capacidade irreal de solucionar e propor a cura, mas falha e, ao falhar clama por Deus.

Segundo as argumentações de Sontag (1984), a respeito das fases da doença, fazemos o paralelo que as próprias dimensões metafóricas da doença de Álvaro de Campos relatam as fases e gravidade de sua enfermidade. O estado mental do poeta é dilacerado antes mesmo de passar por todos os estágios, porém em sua jornada com a doença vemos que o seu pessimismo avança e se intensifica a ponto de Campos abdicar da vida. A respeito dos rótulos sociais, também discutido na obra de Sontag, é incerto atribuir a *persona* de Campos uma roupagem social, podemos refletir na atribuição da loucura, mas devido sua inexistência é enigmático pensar em como a sociedade daquela época deduziu os motivos e efeitos da doença que o acometeu.

Em suma, este estudo conclui que, ao analisar o trajeto de Álvaro de Campos, podemos dizer que a construção de sua jornada com a doença se perpetua em outros poemas e com isso atestamos que a proposta das dimensões metafóricas da doença não se restringe apenas à análise do poema “Opiário”, mas pode ser utilizada para exame das fases de doença em que o poeta foi atingido.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Cristhiano. **Primeiros casos de literatura com Covid-19. Suplemento Pernambuco**, Recife, set.2020. Disponível em: <https://suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-anteriores/77-capa/2544-primeiros-casos-de-literatura-com-covid-19.html>. Último Acesso: 13/08/2022.

CUNHA, Celso. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017. 800 p.

PAIS, Amélia Pinto. **Para compreender Fernando Pessoa: uma aproximação a Fernando Pessoa e seus heterônimos**. São Paulo: Claro Enigma, 2012

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Fernando Pessoa, alguém do eu, além do outro**. São Paulo: Martin Fontes, 2001.

PESSOA, Fernando. Vida e obras do engenheiro Álvaro de Campos Fernando Pessoa; edição Teresa Rita Lopes. – 1, ed. – São Paulo: Global, 2019.

PESSOA, Fernando. **Carta a Adolfo Casais Monteiro**. Arquivo Pessoa. Lisboa, 1935. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/3007>. Último acesso: 20/08/2022.

PESSOA, Fernando. **Ficções de interlúdio**. São Paulo: Novo Século Editora, 2018.

PESSOA, Fernando. **Páginas íntimas e de Auto-Interpretação**. Textos estabelecidos e prefaciados por Jacinto Prado Coelho e Georg Rudolf Lind. Lisboa: Ática, 1966.

RAMALHO, Maria Irene. **A doença do poeta**. Revista Crítica de Ciências Sociais, Lisboa. N° 23, p. 259 – 270, setembro, 1987. Disponível em: <https://ces.uc.pt/rccs/index.php?id=321>. Último acesso: 15/08/2022.

SCLIAR, Moacyr. **A paixão transformada, história da medicina na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SONTAG, Susan. **A doença como metáfora**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

Contatos: leticiafannysilva@gmail.com e cristhiano.aguiar@mackenzie.br